# A ARTE COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E AUTONOMIA INFANTIL

ELAINE PEREIRA DA SILVA

RESUMO:
Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância da arte como ferramenta fundamental para a construção da identidade e da autonomia infantil no contexto da educação infantil. Com base em autores como Vygotsky, Piaget, Barbosa, Malaguzzi e outros, discute-se como a arte possibilita à criança expressar emoções, vivências e percepções de mundo de maneira singular, contribuindo para o fortalecimento do seu senso de pertencimento, autoria e tomada de decisões. São abordados aspectos teóricos e práticos que evidenciam o papel das linguagens artísticas no processo de desenvolvimento integral da criança, destacando-se o papel do educador como mediador sensível e intencional. O artigo também apresenta práticas pedagógicas que favorecem experiências criativas e significativas, capazes de promover o protagonismo infantil e o respeito à diversidade. Ao final, reafirma-se a arte como um direito da criança e como caminho potente para a formação de sujeitos expressivos, críticos e autônomos.

Palavras-chave: Arte na infância. Identidade infantil. Autonomia. Educação infantil. Linguagens artísticas.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the importance of art as a fundamental tool for building children's identity and autonomy within the context of early childhood education. Based on authors such as Vygotsky, Piaget, Barbosa, Malaguzzi, among others, the discussion highlights how art enables children to express emotions, experiences, and worldviews in a unique way, contributing to the development of self-awareness, authorship, and decision-making. Theoretical and practical aspects are explored to demonstrate the role of artistic languages in children's holistic development, emphasizing the educator's role as a sensitive and intentional mediator. The article also presents pedagogical practices that promote meaningful and creative experiences, fostering children's protagonism and respect for diversity. In conclusion, the article reaffirms art as a fundamental right of every child and as a powerful path for forming expressive, critical, and autonomous individuals.

Keywords: Art in childhood. Child identity. Autonomy. Early childhood education. Artistic languages.

## INTRODUÇÃO

A infância é um período crucial para o desenvolvimento integral do ser humano, caracterizado por intensas descobertas, experimentações e construções subjetivas. Nesse contexto, a arte se apresenta como uma linguagem fundamental para que a criança expresse suas emoções, ideias e compreensões do mundo, favorecendo, assim, o fortalecimento de sua identidade e o desenvolvimento de sua autonomia. Mais do que um recurso estético ou lúdico, a arte é um meio de expressão simbólica e de comunicação com o outro e consigo mesma.

Segundo Vygotsky (1991), a arte tem um papel fundamental na constituição do sujeito, pois permite à criança significar suas experiências, reorganizar suas vivências e elaborar pensamentos de maneira criativa. Ao mesmo tempo, promove o exercício da liberdade, da escolha e da iniciativa, elementos essenciais para o desenvolvimento da autonomia. Através de atividades artísticas, como o desenho, a pintura, a dança e o teatro, as crianças aprendem a tomar decisões, a resolver problemas e a agir com responsabilidade e consciência sobre si e sobre o mundo ao seu redor.

É necessário compreender que a construção da identidade e da autonomia não ocorre de forma isolada, mas em um processo contínuo de interação com o meio físico, social e cultural. A arte, nesse sentido, contribui como espaço de expressão da individualidade, valorização das diferenças e reconhecimento de pertencimento. Conforme destaca Barbosa (2002), a arte na educação infantil não deve ser limitada a modelos prontos,

mas sim entendida como campo de experimentação sensível e significativa, onde cada criança possa expressar-se de maneira singular.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a arte como ferramenta pedagógica potente na construção da identidade e autonomia infantil. Serão apresentados fundamentos teóricos, práticas pedagógicas, o papel do educador como mediador sensível e os desafios enfrentados na implementação de experiências artísticas significativas no ambiente da educação infantil.

## IDENTIDADE E AUTONOMIA INFANTIL

A construção da identidade e o desenvolvimento da autonomia são aspectos essenciais da formação humana, especialmente na infância, quando o sujeito está em pleno processo de descoberta de si e do mundo. Tais dimensões não ocorrem de maneira isolada, mas são influenciadas pelas experiências vividas, pelas relações interpessoais e pelo contexto cultural no qual a criança está inserida.

Segundo La Taille (2006), a identidade é construída por meio de interações sociais e da internalização de valores, crenças e comportamentos compartilhados. A criança, desde muito cedo, passa a compreender quem é a partir das relações que estabelece com os outros e com os objetos do mundo. Vygotsky (1991) reforça essa perspectiva ao afirmar que o desenvolvimento infantil é um processo mediado pelo outro, e que as funções psicológicas superiores se formam inicialmente no plano social para, depois, se internalizarem.

Já o conceito de autonomia, segundo Piaget (1998), está diretamente relacionado à capacidade de agir por si mesmo, com base em valores compreendidos e interiorizados, e não apenas por imposição externa. Para o autor, o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual ocorre gradualmente, à medida que a criança se envolve em situações em que pode refletir, tomar decisões e assumir responsabilidades.

Nessa mesma linha, Oliveira (2002) aponta que a autonomia não significa ausência de limites, mas sim a capacidade de compreender regras e agir conscientemente, com base em argumentos, e não apenas por obediência. Esse processo exige ambientes educativos que valorizem a escuta da criança, sua participação ativa nas decisões e sua expressão livre, aspectos que se relacionam diretamente com as práticas artísticas.

O reconhecimento da criança como sujeito de direitos, capaz de construir conhecimentos e desenvolver sua identidade de forma autônoma, também é reforçado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), que defendem a promoção de experiências que favoreçam a construção da identidade e da autonomia como eixos estruturantes das práticas pedagógicas.

Portanto, compreender os fundamentos teóricos da identidade e da autonomia na infância é essencial para pensar em propostas educativas que respeitem as particularidades de cada criança e que estimulem seu protagonismo. A arte, como será discutido nos próximos tópicos, pode contribuir significativamente para esse processo, ao permitir que a criança explore o mundo com liberdade, criatividade e sentido.

## A LINGUAGEM ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A linguagem artística constitui uma das formas mais ricas e potentes de expressão na infância. Desde os primeiros anos de vida, as crianças manifestam suas percepções e sentimentos por meio do corpo, da cor, do som, do gesto e da imaginação. A arte, nesse contexto, não se limita a uma atividade complementar, mas deve ser entendida como um meio essencial de comunicação, descoberta e construção de sentido sobre si mesmas e o mundo.

Segundo Lowenfeld e Brittain (1977), a arte permite à criança desenvolver capacidades como a percepção visual, o pensamento criativo e a expressão emocional, contribuindo para o desenvolvimento integral. As diferentes linguagens – como o desenho, a pintura, a colagem, a escultura, a dança, o teatro e a música – favorecem o exercício da sensibilidade, da experimentação e da criação. Cada uma delas possibilita múltiplas formas de a criança se expressar, ampliando sua autonomia e fortalecendo sua identidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL,

2017) reconhece a importância das experiências estéticas e artísticas na educação infantil e propõe que a criança tenha acesso a diferentes linguagens artísticas de forma integrada e significativa. Essas experiências devem ser mediadas de maneira que respeitem o tempo, os interesses e as formas de expressão próprias de cada criança, estimulando a curiosidade, a participação ativa e o protagonismo.

De acordo com Barbosa (2002), as práticas pedagógicas que utilizam a arte como linguagem devem se distanciar do ensino técnico ou da reprodução de modelos prontos. A autora defende uma abordagem que valorize a criação livre, a interpretação subjetiva e o diálogo com a cultura visual contemporânea. Nesse sentido, o foco está na experiência vivida pela criança durante o processo de criação – e não no produto final. Isso amplia a possibilidade de expressão do "eu" e reforça o sentimento de pertencimento e autenticidade.

Outro aspecto relevante é o papel das artes no respeito à diversidade. Ao permitir que as crianças expressem seus universos internos, a linguagem artística abre espaço para a valorização das diferenças e para o reconhecimento da multiplicidade de identidades presentes em sala de aula. A arte, assim, contribui para a construção de um ambiente mais inclusivo, empático e democrático.

Portanto, ao serem inseridas em contextos ricos em experiências artísticas, as crianças têm a oportunidade de desenvolver-se como sujeitos criativos, críticos e autônomos. A arte oferece a elas a possibilidade de nomear o mundo à sua maneira, de experimentar possibilidades e de construir narrativas próprias, o que impacta diretamente na formação de sua identidade e autonomia.

## A ARTE E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL

A identidade infantil é formada a partir de vivências subjetivas e sociais que se entrelaçam desde os primeiros anos de vida. Trata-se de um processo dinâmico e contínuo, em que a criança constrói o conhecimento de si mesma e dos outros por meio das relações, das experiências e das linguagens disponíveis. Entre essas linguagens, a arte ocupa um lugar privilegiado, pois permite à criança expressar suas emoções, ideias, origens e modos de ver o mundo.

De acordo com Sarmento (2005), a infância é uma categoria social e histórica, e a criança, um sujeito social ativo, que interpreta, ressignifica e cria a partir de suas interações com a cultura. A arte, nesse processo, funciona como uma mediação entre o mundo interno da criança e o mundo externo, permitindo-lhe simbolizar vivências e construir sentido sobre sua identidade. Como afirma Barbosa (2010), "a produção artística da criança é a expressão simbólica de seu modo de estar no mundo".

Ao criar uma pintura, modelar com argila ou dramatizar uma história, a criança revela aspectos de sua cultura familiar, seu repertório simbólico e seus sentimentos mais profundos. Essas produções artísticas, quando respeitadas e valorizadas pelos adultos, reforçam o sentimento de pertencimento, fortalecem a autoestima e estimulam o autoconhecimento. A identidade, então, se constrói também como um processo de reconhecimento: ser visto e aceito em sua singularidade.

O ambiente educativo deve favorecer essa construção, oferecendo materiais diversificados, espaços acolhedores e propostas abertas que incentivem a livre criação. Não se trata de ensinar "como fazer arte", mas de permitir que cada criança encontre sua própria forma de se expressar por meio dela. Segundo Oliveira (2002), "a valorização da produção artística da criança implica o reconhecimento de sua autoria, de sua capacidade de interpretar o mundo com seus próprios olhos".

Exemplos práticos dessa abordagem incluem projetos em que as crianças são convidadas a representar suas famílias, suas comunidades ou a si mesmas por meio de autorretratos, desenhos de memórias afetivas ou criações baseadas em histórias de sua cultura de origem. Tais propostas contribuem para o fortalecimento da identidade individual e coletiva, além de promoverem o respeito às diferenças e à diversidade cultural.

Assim, a arte não apenas reflete a identidade da criança – ela também a constrói. Através de suas manifestações artísticas, a criança experimenta diferentes formas de ser, sen-

te-se reconhecida, compreende sua própria trajetória e se insere no mundo de maneira mais consciente e segura. Desse modo, a arte torna-se um instrumento potente na formação de sujeitos autênticos, críticos e singulares.

ARTE E DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA INFANTIL

A autonomia na infância não se refere apenas à capacidade de realizar tarefas sozinhas, mas envolve também o desenvolvimento do pensamento crítico, da autorregulação emocional e da capacidade de tomar decisões com responsabilidade. Nesse processo, a arte se destaca como um meio pedagógico eficaz para promover a autonomia, pois possibilita à criança explorar, experimentar, criar e decidir com liberdade e significado.

De acordo com Piaget (1998), a autonomia é construída a partir de experiências em que a criança participa ativamente, reflete sobre suas ações e compreende as regras a partir do convívio social. Isso significa que a autonomia não é ensinada diretamente, mas favorecida por situações que estimulem a iniciativa, a escolha e a resolução de problemas. Nesse sentido, as atividades artísticas criam um campo fértil para o exercício da autonomia, pois envolvem decisões constantes sobre o que criar, como criar e com quais materiais.

Barbosa (2002) ressalta que, ao criar artisticamente, a criança não segue apenas comandos externos, mas realiza escolhas com base em sua percepção, intuição e intenção comunicativa. Quando um educador permite que a criança use livremente tintas, papéis, instrumentos sonoros ou elementos naturais para compor uma obra, está também promovendo a confiança em suas capacidades e a construção de sua autoria. A autonomia nasce, nesse processo, do respeito à liberdade criadora

Além disso, a arte proporciona um espaço seguro para o erro, para o improviso e para a experimentação. Ao contrário de práticas escolares excessivamente normativas, a criação artística não exige uma resposta certa, mas valoriza a tentativa, o processo e a expressão subjetiva. Como afirma Malaguzzi (1999), pedagogo da abordagem Reggio Emilia, “a criança possui cem linguagens”, e todas devem ser respeitadas e estimuladas para que ela se torne autora do seu próprio aprendizado.

Exemplos práticos dessa concepção podem ser observados em propostas de ateliês criativos, onde as crianças exploram livremente os materiais, sem modelos a seguir. Também em projetos de teatro, dança ou música, em que são protagonistas da criação coletiva, com espaço para suas vozes e decisões. Nesses contextos, desenvolvem a iniciativa, a responsabilidade pelo grupo e a capacidade de tomar decisões conscientes, habilidades essenciais à autonomia.

Portanto, ao favorecer o protagonismo, a auto expressão e a liberdade de criação, a arte se apresenta como um campo potente para o desenvolvimento da autonomia infantil. Trata-se de um processo que exige do educador sensibilidade para escutar, acolher e confiar na criança como sujeito capaz. Mais do que uma atividade estética, a arte é uma vivência ética e formativa, que prepara a criança para agir com autonomia em diferentes contextos sociais e culturais.

O PAPEL DO EDUCADOR NA MEDIAÇÃO ARTÍSTICA

O educador desempenha um papel central na mediação das experiências artísticas na educação infantil, sendo responsável por criar condições favoráveis para que a criança possa se expressar livremente, desenvolver sua criatividade e, consequentemente, fortalecer sua identidade e autonomia. Essa mediação, no entanto, não deve ser conduzida por uma lógica diretiva ou produtivista, mas pautada na escuta atenta, no acolhimento e no respeito ao tempo e às formas de expressão de cada criança.

Segundo Barbosa (2010), o educador precisa atuar como um “curador de experiências”, ou seja, alguém que organiza os espaços, os materiais e os tempos pedagógicos de forma sensível e intencional, favorecendo a criação artística e o pensamento estético. Para isso, é necessário compreender que a arte na infância não se resume a uma técnica ou a uma habilidade a ser ensinada, mas a um campo simbólico onde a criança elabora sentidos e comunica o que sente e pensa.

Vygotsky (1991) ressalta que a mediação do adulto é fundamental no processo de apren-

dizagem, pois amplia as possibilidades cognitivas da criança por meio da interação. No caso da arte, essa mediação não deve limitar-se a ensinar "como fazer", mas deve promover situações em que a criança possa explorar, experimentar e construir seu próprio percurso criativo. A escuta ativa e o incentivo ao diálogo sobre as produções artísticas são aspectos centrais dessa atuação.

Outro ponto importante é a valorização da autoria infantil. Muitas vezes, práticas escolares tendem a impor moldes ou modelos prontos, retirando da criança a possibilidade de criar com liberdade. Essa prática, além de inibir a criatividade, pode comprometer o desenvolvimento da autoestima e da identidade. Como afirma Oliveira (2002), "o papel do educador é desafiar a criança a pensar e a agir com autonomia, e não a repetir soluções prontas".

Na mediação artística, cabe ao educador incentivar a criança a experimentar diversos materiais e suportes, respeitando suas escolhas e ajudando-a a ampliar sua percepção do mundo. Isso pode ser feito por meio da oferta de materiais não estruturados, da criação de cantinhos de arte com livre acesso, da proposição de projetos baseados nos interesses do grupo e do estímulo à apreciação de obras de diferentes artistas e culturas.

Além disso, o educador precisa estar atento à dimensão afetiva das produções artísticas. Cada desenho, escultura ou dramatização traz consigo significados que vão além da aparência. Interpretar essas manifestações com sensibilidade, dialogar com a criança sobre o que ela criou e dar visibilidade às produções (por meio de exposições, portfólios ou rodas de conversa) são formas de reforçar a importância de sua expressão e sua voz.

Em síntese, o educador é um facilitador do processo artístico e formativo da criança. Sua mediação sensível e reflexiva é fundamental para que a arte cumpra sua função de promover a construção da identidade, o desenvolvimento da autonomia e a formação de sujeitos expressivos, criativos e conscientes de si e do outro.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Uma prática eficaz começa pela organização de ambientes ricos em estímulos visuais, sonoros, táteis e espaciais, que permitam à criança explorar diferentes materiais e linguagens. Ateliês de arte, cantinhos criativos e estações de experimentação com argila, tintas, tecidos, elementos da natureza e instrumentos musicais, por exemplo, promovem a liberdade de escolha e favorecem o protagonismo infantil. Quando a criança decide o que, como e quando criar, ela exercita sua autonomia e constrói sua identidade em diálogo com o mundo ao seu redor.

Nesse contexto, os projetos pedagógicos interdisciplinares podem ser poderosas ferramentas. Projetos como "Quem sou eu?", "Minha família" ou "O lugar onde eu vivo" convidam a criança a pensar sobre si mesma, suas origens, relações e pertencimento, articulando arte, linguagem oral, escrita e cultura. A construção de autorretratos com técnicas diversas (desenho, colagem, pintura), por exemplo, permite à criança representar a si mesma de forma simbólica, desenvolvendo a autoestima e o reconhecimento de sua singularidade.

Outra prática significativa é a apreciação de obras de arte de diferentes épocas, estilos, etnias e culturas. Ao entrar em contato com artistas como Tarsila do Amaral, Pablo Picasso, Frida Kahlo, Beatriz Milhazes ou artistas indígenas e afro-brasileiros, a criança amplia seu repertório visual, aprende a respeitar a diversidade e percebe que a arte pode ser produzida de formas distintas, por diferentes pessoas, em diferentes contextos. Esse tipo de atividade contribui para a valorização da identidade cultural e para a formação de um olhar crítico e sensível.

As rodas de conversa sobre as produções artísticas também são estratégias eficazes para o fortalecimento da autonomia e identidade. Quando o educador convida a criança a falar sobre sua obra – "O que você desenhou?", "Por que escolheu essas cores?", "Como você se sentiu fazendo isso?" – está valorizando sua narrativa, dando visibilidade à sua voz e reconhecendo sua autoria. Esses momentos favorecem o autoconhecimento, o respeito à expressão do outro e o desenvolvimento da linguagem oral e do pensamento reflexivo.

Além disso, a exposição dos trabalhos artís-

ticos em murais, mostras culturais ou portfólios individuais contribui para o reconhecimento e valorização da produção infantil. Ao ver sua obra exposta, a criança sente-se respeitada, pertencente ao grupo e segura em sua identidade. Essa valorização pública de suas criações é um importante estímulo à autoconfiança e à continuidade do processo criativo.

É importante destacar que todas essas práticas devem ser conduzidas com respeito ao tempo da infância e à espontaneidade da criação. Como lembra Malaguzzi (1999), "as cem linguagens da criança" só podem florescer em contextos que respeitam sua liberdade e sua escuta. Quando a arte é vivida como processo e não como produto, a criança encontra um espaço seguro para explorar, experimentar e se construir como sujeito único e autônomo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte, quando compreendida como linguagem expressiva e formativa, ocupa um lugar central no processo educativo da infância. Mais do que uma atividade complementar ou decorativa, ela constitui um campo essencial para que a criança se descubra, se afirme e se relacione com o mundo. Ao criar, imaginar, interpretar e expressar-se por meio da arte, a criança não apenas desenvolve habilidades cognitivas e motoras, mas principalmente constrói sua identidade e exercita sua autonomia.

Ao longo deste artigo, foi possível refletir sobre como as experiências artísticas contribuem significativamente para o fortalecimento da subjetividade infantil, para o reconhecimento da diversidade cultural e para o estímulo à liberdade de expressão e escolha. A arte se revela, assim, como instrumento de formação ética, estética e social, promovendo a escuta, a sensibilidade, o respeito às diferenças e o protagonismo desde a primeira infância.

Portanto, investir na arte como ferramenta pedagógica na educação infantil é reconhecer o direito das crianças de viverem experiências criativas, afetivas e transformadoras. É promover uma educação mais humana, inclusiva e coerente com os princípios do respeito, da escuta e da valorização da infância. A arte, nesse contexto, não é apenas um meio de ensinar, mas uma maneira potente de formar sujeitos livres, conscientes e plenamente humanos.

## REFERÊNCIAS


BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: das origens ao século XXI. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

LA TAILLE, Yves de. Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas. São Paulo: Ática, 2006.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. 17. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MALAGUZZI, Loris. As cem linguagens da criança. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (org.). As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 1999.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

PIAGET, Jean. O juízo moral na criança. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A infância enquanto construção social. In: QVORTRUP, Jens et al. (org.). Por uma sociologia da infância. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2005. p. 117–137.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.